

LETRAS

Um poeta brasileiro que veio da Bielorrússia

Naturalmente, Oleg Almeida não caiu do céu em solo brasileiro. Dessa herança do passado da poesia brasileira, o poeta soube retirar um pouco de cada fenômeno poético e de cada período para construir uma poesia que se mostra única porque diferente do que se faz normalmente no País.

Adelto Gonçalves (*)

I

Que seja um bielorrusso naturalizado brasileiro um dos melhores poetas do Brasil deste século 21 é mistério que só mesmo a arte poética pode explicar. Que em tão poucos anos de Brasil – menos de oito – tenha encontrado tempo e disposição para conhecer a fundo a poesia praticada no País desde a época colonial e em apenas dois livros apresentar uma proposta poética inovadora é questão que, à primeira vista, foge à compreensão do leitor comum. Mas foi isso mesmo o que se deu com Oleg Almeida (1971), que lançou, em 2011, *Quarta-feira de cinzas e outros poemas* (Rio de Janeiro: Sete Letras), laureado em novembro de 2012 com o Prêmio Literário Bunkyo da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social (São Paulo).

E não há nenhum exagero no que se escreve aqui, pois apenas se confirma o que Cláudio Murilo Leal expôs no prefácio que produziu para este livro. Lá diz, sem nenhum favor ou encômio hiperbólico de encomenda, que Oleg Almeida evitou o discursivismo enxuto, sem metaforização hiperpoética, da chamada geração de 45 e também as reinvenções letristas da vanguarda concretista (leia-se irmãos Campos e Décio Pignatari). Para Leal, Oleg Almeida soube ainda livrar-se do arremedo de dicção reiterativa da vertente metapoética de João Cabral de Melo Neto (1920-1999). E tampouco em sua poesia nada há que a aproxime do pieguismo dos neorromânticos. Não é pouco.

Naturalmente, Oleg Almeida não caiu do céu em solo brasileiro. Dessa herança

do passado da poesia brasileira, o poeta soube retirar um pouco de cada fenômeno poético e de cada período para construir uma poesia que se mostra única porque diferente do que se faz normalmente no País. Obviamente, sem deixar de acrescentar a herança eslava que recebeu e que vem de Alexandr Pushkin (1799-1837), o maior poeta russo de todos os tempos e o renovador da linguagem literária russa, pois que todos que vieram depois dele – Dostoiévski (1821-1881), Tolstoi (1828-1910), Tchekhov (1860-1904), Gorki (1868-1936), Anna Akhmatova (1889-1966) e outros tantos – foram por ele influenciados.

Quem duvidar que leia este “Quarta-feira de cinzas”, que dá título à obra e constitui um poema longo dividido em 13 atos que conta uma experiência bem brasileira, que costuma atrair sempre o olhar estrangeiro: o Carnaval. Mas o faz como uma metáfora da vida vivida, o que sobra de uma experiência, os “resíduos da festa”. Eis o começo desse poema:

*Ela dorme, rainha,
prostrada na cama de luxo,
desnuda no centro do mundo
domado por sua beleza.
São dez da manhã,
e os raios do sol estival
atravessam, discretos, o quarto,
tirando da quente penumbra
(purpúrea por terem a cor da paixão
as pudicas cortinas)
um par de sapatos – dois frágeis barquinhos
deixados à beira da praia recôndita pela maré
vazante – primeiro;
depois umas roupas que guardam ainda
um pouco de seu predileto perfume
não sei como chamam, almíscar ou âmbar,
àquela fragrância a cobrir
de gotículas quase palpáveis de néctar
o corpo em pelo (...).*

II

Em *Quarta-feira de cinzas e outros poemas*, há ainda cem “haicais urbanos”, forma de origem japonesa, o *haiku*, que desembarcou no Brasil há cerca de um século e hoje

conta com muitos praticantes e estudiosos. Se o haikai é a arte de anotar sensações fugazes, de forma despojada e sensível, especialmente as provocadas pela passagem do tempo, representadas, por exemplo, nas estações do ano, os poemas de Oleg no gênero chegam próximo da perfeição. Como neste exemplo:

*Não finge nunca
ser feliz ou infeliz
o sol da tarde.*

O haikai pode ser também um poema concentrado que capta em poucas palavras a expressão de um momento:

*Disse, sincero,
ao açougueiro: “Mano,
chega de sangue!”*

Ou ainda, como numa fotografia que “congela” a imagem, o haikai registra o abstrato, o segredo, o sentido:

*Minhas ideias
são como os meteoros:
fulgem e somem.*

III

Em seu livro de estreia, *Memórias dum hiperbóreo* (Rio de Janeiro: Sete Letras, 2008), já há uma ressonância do romance em versos *Eugênio Onegin*, de Pushkin, como bem observou na apresentação Marco Lucchesi. Trata-se de uma elegia que, à la Marcel Proust (1871-1922), empreende uma busca do tempo perdido. Poeta de dois mundos, Oleg reconstitui de maneira insinuante as duas terras em que viveu e vive, mas de forma alegórica: de um lado a Grécia, ou seja, a Corinto mítica – não a de hoje, em ruínas –, aquela que o apóstolo Paulo (ca.5d.C-67d.C) visitou para levar a palavra de Cristo, e, de outro, a Finisterra, igualmente mítica, ao Sul. Ambas podem ser lidas como a Bielorrússia e o Brasil, ou Gômel, a cidade onde ele nasceu, e Brasília, onde vive hoje.

Isso fica mais claro quando se sabe que os hiperbóreos são um povo lendário que, para os gregos antigos, habitavam o extremo Norte da Terra. E quando o poeta diz:

*Eu nasci muito longe daqui,
lá no norte severo,
na terra beata dos hiperbóreos,
além deste mar bravio situada,
inatingível. (...)*

Ou quando recorda a casa paterna:

*Na minha casa, se bem que tivesse um só andar,
comiam-se ótimas carnes e pães excelentes,
bebiam-se vinhos de uva e maçã,
cada dia, usavam-se finas toalhas e pratos ornamentados. (...)*

Ou quando lembra o dia em que deixou a terra dos hiperbóreos e a cidade de Gômel:

*Adeus, minha pátria bela:
cidade, onde passei a infância feliz
e da áurea juventude colhi as primícias;
casa em que moraram
três gerações de minha família;
pedras e árvores
de que nem no leito de morte me esquecerei.
Adeus, minha pátria...
Como são boas as tuas cerejas vermelhas e pretas! (...)*

Em Gômel, presenciou a “bárbara destruição da União Soviética”, como diz, episódio de que também fala, de forma alegórica, em *Memórias dum hiperbóreo*. “Tinha de mostrar o passaporte para comprar, digamos, um quilo de açúcar”, recorda.

O mundo em que o poeta chegou, como a uma Ítaca da qual nunca houvera partido porque é aquela que carregamos no íntimo, o nosso aqui e agora, de que fala o poeta Antonio Cicero em breve apresentação na contracapa deste livro, é o Brasil (ou a Brasília feérica), o que pode ser lido alegoricamente nestes versos finais:

*Contudo Alexandria – se bem que não seja o nome real
da metrópole onde resido – tem míseros bairros e bairros de luxo,
palmeiras, calçadas expostas ao sol ardente,
bibliotecas em que, do papiro transcritos,
os versos homéricos avizinham os livros de auto-ajuda,
folganças e pesadelos de sobra;
contudo eu mesmo tenho emprego fixo,
televisão a cabo
e umas garrafas de vinho bastante caro na geladeira
e não me sinto, graças a Deus,
estrangeiro a ponto de abdicar ao sonho em prol da memória. (...)*

IV

Oleg Andréev Almeida nasceu numa família humilde, mas culta. Estudou numa típica escola dos tempos soviéticos, a qual tinha Homero (sec.VIII a.C), Shakespeare (1564-1616), Cervantes (1547-1616), Tolstoi e Dostoiévski no currículo do ensino médio. Estudou também as letras francesas numa pequena, embora tradicional, instituição, a Escola Central das Letras Estrangeiras em Moscou (1989-1992).

A levar-se em conta o que escreve no prólogo em versos que escreveu para *Quarta-feira de cinzas e outros poemas*, se dependesse da vontade de seus pais, teria se formado em medicina, que “a saúde é bom negócio”, como diziam com insistência, ou dos avós, que o queriam ver ministro no regime soviético ou, na pior das hipóteses, funcionário da prefeitura. Não se pode dizer que não se tenha preparado para isso: é pós-graduado em Gestão Financeira pela Academia da Fazenda subordinada ao Governo da Federação Russa (1999). E fez carreira como tradutor, analista e executivo da área comercial.

Em Gômel, publicou poemas e artigos em periódicos e ainda em coletâneas de poesia bielorrussa. Trabalhou, por muito tempo, na iniciativa privada – “máxime para não morrer de fome”, diz – e aprendeu o idioma Português por mera curiosidade, usando dois livros (*O Alienista*, de Machado de Assis, e *Crônicas*, de Luís Fernando Veríssimo) e um curso de português editado nos Estados Unidos. Imigrou para o Brasil com 34 anos de idade, em 2005. E, desde então, mora em Brasília e trabalha como tradutor de russo. Casou-se com uma brasileira e começou a traduzir diversos tipos de textos. “Escrevi alguns versos que, inesperadamente, foram publicados em antologias amadoras”, diz o poeta, que se naturalizou brasileiro em fevereiro de 2011.

É também tradutor de obras literárias e científicas. Traduziu do francês *O esplim de Paris: pequenos poemas em prosa, e outros escritos*, de Charles Baudelaire (São Paulo: Martin Claret, 2010) e *Os cantos de Bilítis: romance lírico*, de Pierre Louÿs (Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2011). Verteu para o russo *Tu país está feliz*, de Antonio Miranda (Brasília: Thesaurus/Fundo de Apoio à Cultura, 2011); *Canções alexandrinas*, de Mikhail Kuzmin (São Paulo: Arte Brasil, 2011); *Pequenas tragédias*, de Alexandr Pushkin (São Paulo: Martin Claret, 2012); *Diário do subsolo*, de Fiódor Dostoiévski (São Paulo: Martin Claret, 2012), e *O jogador: do diário de um jovem* (São Paulo: Martin Claret, 2012).

Sócio da União Brasileira de Escritores (UBE), seção de São Paulo, colabora com as revistas eletrônicas *EisFluências* e (*n.t.*) – *Revista Literária em Tradução*, administra o projeto *Stéphanos: Enciclopédia virtual da poesia lusófona contemporânea* e atua como agente cultural. Participou de 15 antologias e coletâneas de poesia lusófona editadas no Brasil e em Portugal, inclusive da Câmara Brasileira de Jovens Escritores, do Rio de Janeiro, do grupo literário Celeiro de Escritores, de Santos-SP, e de várias editoras brasileiras.



QUARTA-FEIRA DE CINZAS E OUTROS POEMAS, de Oleg Almeida. Rio de Janeiro: Sete Letras, 110 págs., 2011, R\$ 29,00.

MEMÓRIAS DUM HIPERBÓREO, de Oleg Almeida. Rio de Janeiro: Sete Letras, 75 págs., 2008, R\$ 25,00.

E-mail: editora@7letras.com.br / Site: www.7letras.com.br

(*) Adeldo Gonçalves é doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo e autor de *Gonzaga, um Poeta do Iluminismo* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999), *Barcelona Brasileira* (Lisboa, Nova Arrancada, 1999; São Paulo, Publisher Brasil, 2002) e *Bocage – o Perfil Perdido* (Lisboa, Caminho, 2003). E-mail: marilizadelto@uol.com.br.

Fontes: <http://port.pravda.ru> (acesso em 05/03/13) e www.jornalopcao.com.br (acesso em 17/03/13).